



ESTUDO DO SUFIXO -IL NO GALEGO-PORTUGUÊS ANTIGO

Study of the suffix -il in Old Galician-Portuguese

XOÁN LÓPEZ-VIÑAS
Universidade da Coruña, España

KEYWORDS

Word formation
Affixation
Suffixation
Suffix -il
Productivity
Galician-Portuguese
Medieval Galician

ABSTRACT

This paper analyzes the form, function and meaning of the suffix -il, which forms deverbal adjectives, and rarely desubstantive adjectives, in medieval Galician-Portuguese, in order to observe its productivity in the formation of suffixed voices. In this work a comparison is also made with the Latin suffix -ilis from which it derives (and which comes from different origins). To carry out this study we start from the Corpus do Galego-Português Antigo, which will allow us to verify the degree of productivity or profitability of this suffix.

PALABRAS CLAVE

Formação de palavras
Afixação
Sufixação
Sufixo -il
Produtividade
Galego-português
Galego medieval

RESUMEN

Este trabalho analisa a forma, a função e o significado do sufixo -il formador de adjetivos deverbais, e por vezes desubstantivais, no galego-português medieval, com a finalidade de observar a sua produtividade na formação de vozes sufixadas, e a sua comparança com o sufixo latino -ilis de que deriva (e proveniente de diferentes origens). Para levar a cabo este estudo partimos do Corpus do Galego-Português Antigo, que nos permitirá verificar o grau de produtividade ou de rentabilidade deste sufixo.

Recibido: 17/ 10 / 2022

Aceptado: 20/ 12 / 2022

1. Introdução

Em galego-português, e também no resto das línguas romances, a afixação ou derivação por meio de afixos conforma um dos procedimentos morfológicos e léxicos mais produtivos para ampliar e renovar a massa lexical, entre os quais a sufixação constitui o mecanismo mais rendível, como aconteceu no galego-português medieval (Ferreiro, 2001; López Viñas, 2015). A sufixação, que consiste na adição de um sufixo após uma base, é também o mecanismo afixal mais complexo, pois consta de um número muito elevado de unidades sufixais que participam num alto número de combinações, que até leva consigo a existência de pares corradicais que rivalizam entre si.

Porém, cabe recordar que não todos os afixos, sufixos neste caso, são altamente rendíveis ou produtivos, nem sequer minimamente rendíveis ou produtivos; portanto, tende a se classificar os sufixos em produtivos ou improdutivos, ou bem rentáveis ou não rentáveis, segundo a quantidade de novos vocábulos derivados num momento da história da língua. Não é objetivo deste trabalho reflexionar e debater sobre a idoneidade do conceito ou dicotomia da produtividade ou rentabilidade sufixal (ou afixal no geral), já que há autores como Ridruejo (1998) que consideram que devem diferenciar-se ambos os termos:

aunque su rentabilidad sea muy escasa, un sufijo no cesa de ser productivo. En español actual, son raras las formas construidas con sufijo *-aco*, pero no por eso deja de forjarse algún derivado nuevo (por ejemplo, *chisguaco*, citado por Scavnický, 1987, 132), y nadie puede decidir si en un futuro este sufijo no llegará a ser tan rentable como *-oso* u otro de gran frecuencia de empleo. En cambio, aunque exista un número elevado de voces derivadas mediante un determinado sufijo formadas en anteriores estados de la lengua, es imposible aumentar el caudal con nuevas formaciones, si el sufijo es improductivo. Esto significa que a diferencia de la rentabilidad, la productividad de un sufijo no admite grados: un sufijo es productivo o no lo es. (Ridruejo, 1998, p. 307)

Além disso, em qualquer caso, é necessário fixar o estatuto morfolexical dos constituintes de uma palavra através da diacronia e, portanto, diferenciar se o processo de formação vocabular teve lugar no latim ou no galego-português –com independência do *continuum* linguístico–, pois isto tem repercussões na produtividade. Esta é devida, por um lado, à enorme quantidade de morfemas constituintes (bases, raízes e palavras de tipo substantival, adjetival e verbal), que dão lugar a produtos iso- ou heterocategoriais como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, e, por outro lado, à concorrência de afixos com funções e significados iguais, similares ou diferentes. Neste segundo caso, de afixos com inter-relação semântico-funcional, produz-se uma confluência que pode resolver-se de diferentes maneiras.

2. Objetivos

A baixa produtividade do sufixo *-il* no galego-português provocou uma carência de estudos específicos sobre este afixo na nossa língua (Freixeiro Mato, 1999; Ferreiro, 2001; Rio-Torto, 2016) e também noutras línguas românicas como o espanhol (Lang, 2002). Assim, para paliar esta falta, o presente artigo tem como objetivo principal o estudo do sufixo *-il* no galego-português medieval. Para isso, inicialmente será feita uma caracterização em pormenor do sufixo latino originário e, posteriormente, comparar-se-á com o galego-português no seu estágio medieval, com a finalidade de analisar a forma, a função e também o nível de permanência ou inovação dos valores latinos, para além da sua produtividade. Por este motivo, um outro objetivo será determinar as causas da (im)produtividade do sufixo *-il* no galego-português após o levantamento de todos os vocábulos terminados em *-il* no corpus galego-português medieval –o qual definiremos na seguinte epígrafe– e a delimitação de sufixo frente a terminação proveniente doutra origem etimológica, como pode ser o árabe ou o provençal.

3. Metodologia

A metodologia empregada responde à de uma análise diacrónica quantitativa, com o fim de observar a frequência de uso, a produtividade e a mudança linguística, e também qualitativa, que vá além da simples descrição, que se baseie em textos reais e que se apoie em fontes lexicográficas (tesouros, corpus académicos, dicionários) e em estudos específicos sobre a sufixação latina e romance. Nesta análise, ademais, combinam-se tanto princípios funcionalistas, na conceição tradicional do morfema como unidade mínima com significante e significado (e, portanto, não se consideram os interfixos mas os alomorfes de um sufixo), quanto gerativistas, na relação entre Morfologia e Semântica.

Para poder levar a cabo este projeto, é preciso partir de um corpus textual que permita observar e analisar uma série de dados que reflitam um estágio de língua e um plano linguístico concreto. Assim, o corpus em que se baseia o estudo está conformado pela totalidade da produção medieval da língua galego-portuguesa, que contem o *Corpus informático do Galego-Português Antigo* (CGPA) (Varela Barreiro, 2004). Este corpus apresenta textos escritos ao norte e ao sul do rio Minho compreendidos entre os séculos VIII e XVII de diferente tipologia (poesia profana, poesia religiosa, prosa literária, prosa histórica, prosa religiosa, prosa notarial, prosa jurídica, prosa técnica etc.), que aglutina os tesouros medievais informatizados quais o *Tesouro Medieval Informatizado da*

Lingua Galega (TMILG), do Instituto da Lingua Galega, e do *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Portuguesa* (TMILP), proveniente por sua vez do *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), da Universidade Nova de Lisboa.

Após esta delimitação do corpus, o método que foi seguido atendeu às seguintes tarefas:

- A partir do CGPA, realiza-se um levantamento de todas as vozes terminadas em *-il* no galego-português medieval, trás desbotar os casos em que se tratarem de terminações doutras origens, como a árabe, e não de sufixos. Neste passo, incluem-se inicialmente palavras derivadas no latim e no romance galego-português do estádio medieval tanto ao norte como ao sul do rio Minho.
- Caracterização do sufixo em latim, do ponto de vista sintático-semântico e etimológico.
- Análise comparativa entre as formações latinas e galego-portuguesas para verificar a continuidade ou ruptura dos diversos valores nas respetivas línguas.
- Análise da produtividade dos adjetivos sufixados em *-il* no *Corpus do Galego-Português Antigo* (Varela Barreiro, 2004).
- Apresentação e discussão dos resultados dos dados analisados.

4. Resultados

A formação de palavras derivadas por meio do sufixo *-il* remete primeiramente para o sufixo latino *-ilis*, formador de adjetivos, mas também pode ser resultado doutras origens. Para comprovar esta questão, realizar-se-á uma caracterização do sufixo latino *-ilis*, tanto átono como tónico, e, a seguir, analisar-se-ão os derivados galego-portugueses medievais, quer na sua forma, função e significação, quer na sua produtividade.

4.1. O sufixo *-ilis* em latim

Segundo Monteil (1992: 219-221), o latim apresentava uma série relevante de adjetivos com sufixo *-li/-lis*, que eram o resultado evolutivo de diferentes origens etimológicas¹. A este respeito, podem diferenciar-se dois grandes grupos de proveniência deste sufixo conforme a tonicidade da vogal que o preceder, nomeadamente *-i-*, de maneira que existem vozes com sufixo *-ilis* átono (com vogal breve) e vozes com sufixo *-ilis* tónico (com vogal longa), e dentro de cada um podem contemplar-se diversas procedências. Assim:

i. Sufixo *-ilis* (átono)

No sufixo latino em *-ilis* (com acentuação átona), diferenciamos três grupos:

i.1. Os adjetivos gregos em *-lós* (-λός: ἄμαλός) correspondem-se com formas com sufixo átono *-lis* ou *-ilis* (<*-^oli), do tipo *similis* e *humilis*, e criam adjetivos deverbais (*agilis* < *ago-is-ere*², *docilis* < *doceo-es-ere*, *facilis* < *facio-is-ere*, *fragilis* < *frango-is-ere*, *habilis* < *habeo-es-ere* etc.) e, em menor medida, desubstantivais (*herbilis* < *herba*). Para Leumann (1944, p. 140), o sufixo *-ilis* forma escassos adjetivos deverbais de possibilidade passiva, junto com *-bilis* (vid. *infra*).

i.2. O sufixo **-tli-* > **-t^oli-* derivou no sufixo átono *-tilis*, que forma adjetivos a partir de participios de passado em *-tus*, cujos derivados fazem referência em numerosas ocasiões a termos artesanais (Leumann, 1944, p. 136): *fictilis* < *fictus* (participio de passado de *finjo*), *plectilis* < **plectus* (participio de passado antigo de *plectere*), *sutilis* < *sutus* (participio de passado de *suo*), *textilis* < *textus* (participio de passado de *texo*) ou *volatilis* < *volatus* (participio de passado de *volo*). A respeito desta última forma, note-se que a sequência *-atilis* criou posteriormente por analogia um sufixo ou alomorfe sufixal *-áttil* (como se verá na “Discussão”). Igualmente, no *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1968, s. v. *-ilis*) também se menciona a procedência a partir de formas verbais finitas, como em *futillis* < *fundo* e *utilis* < *utor*. Por sua parte, no caso de o participio finalizar em *-sus*, adota a forma *-silis*, como em *fusilis* < *fusus* (participio de passado de *fundo*), *rasilis* < *rasus* (participio de passado de *rado*). A julgar por por Leumann (1917) e pelo *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1968), que não os inclui no seu leamário, *-tilis* e *-silis* não conformam variantes alomórficas nem sufixos diferentes, mais formas do sufixo *-ilis* precedidas de *-t-* ou *-s-* conforme a base.

i.3. O sufixo **-dhli-* deu lugar ao sufixo formador de adjetivos *-bilis* que se unia a bases verbais, sem vogal temática (*nobilis* < *(g)noscere*) ou com vogal temática, pelo qual se criavam os alomorfes *-abilis* (*amabilis* < *amare*), *-ebilis* (*delebilis* < *delere*) e *-ibilis* (*infinibilis* < *infinire*). Contudo, deve precisar-se que, a pesar de estar relacionado formal e semanticamente com *-ilis*, o sufixo *-bilis* constitui um outro afixo diferenciado, tal e como se recolhe no *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1986, s. v. *-bilis*). Além disso, o traço semântico que os derivados adjetivais em *-bilis* achegam à base é, segundo Leumann (1917), o de possibilidade passiva modal ou potencial (*verificabilis* ‘que pode ser verificável’) ou de possibilidade ativa (*durabilis* ‘que dura’).

ii. Sufixo *-ilis* (tónico)

Da série de adjetivos desubstantivais propriamente latinos em *-lis*, nos inícios da língua latina estes derivavam de temas em *-ā*, em *-ē*, em *-ī* e em *-ū*, de modo que se criavam sufixos tónicos em *-ālis* (*animālis*, *ferālis*, *naturālis*), *-ēlis* (*fidēlis*), *-īlis* (*civīlis*, *hostīlis*, *ovīlis*) e *-ūlis* (*currūlis*, *tribūlis*); posteriormente a partir destas sequências criar-

1 Para uma análise mais completa do sufixo *-lis*, vid. Leumann (1917).

2 Se não se indicar o contrário, todas as derivações etimológicas baseiam-se no *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1968).

se-ão por analogia sufixos muito rendíveis com a vogal soldada em *-ālis* (*hospitālis, liberālis, nuptiālis, venālis...*), *-ēlis* (*crudēlis, patruēlis*), *-īlis* (*erīlis, fabrīlis, puerīlis, quintīlis, servīlis, sextīlis, virīlis*) e *-ūlis* (*edūlis*). Além disso, quando o substantivo base tinha um *-l-* no tema, o sufixo *-lis* dissimilava em *-ris* (*familiāris, militāris, populāris*).

Estes adjetivos têm como base um substantivo (*ferālis* < *fera*; *hostilis* < *hostis*) e exprimem uma relação semântica que se poderia expressar com o uso do genitivo, ora de pertença (*erīlis amicus* ‘amigo do dono’) ora de dependência ou de pertença de alguma noção (*crudēlis* ‘que se regozija no sangue (*crudum*)’), com toda probabilidade por herança do indo-europeu *-el-i* junto com a desinência *-el* do hitita (Monteil, 2017, p. 221). Contudo, estes derivados sufixais com vogal tónica longa também podem ser formadores de substantivos procedentes de substantivos, como é o caso de *aedilis* < *aedes*.

Por outra parte, a forma neutra de *-īlis* era *-īle*, que funcionava como sufixo nominal deverbal (*cubīle* < *cubo*) ou desubstantival (*ovīle* < *ovis*) co traço semântico de ‘lugar’ e/ou ‘instrumento’ (Segura Munguía, 2000, pp. 15-16).

4.2. O sufixo *-il* no galego-português medieval

Todos os sufixos provenientes de *-ilis* átono e *-īlis* tónico derivaram no romance galego-português no sufixo *-il*, podendo ir precedido ou não da consoante *-t-* (*-til*), *-s-* (*-sil*) ou *-v-* proveniente de um *-b-* latino) (*-vil*, *-vel*). O CGPA (Varela, 2004) devolve uns quarenta y dois registos de palavras terminadas em *-il*, mais não todas são constitutivas de conformarem o sufixo *-il*, sem contar nomes próprios. Assim, por um lado, encontramos casos de formações em *-il* (tónicas e átonas) criadas na língua latina e outras construídas no romance galego-português; noutras ocasiões algumas vozes com *-il* não têm a ver com o sufixo *-ilis* latino, mas o resultado da confluência fónica de vozes de origem árabe ou provençal. Para além destas, também se encontram terminações em *-il* que ficam fora deste estudo. Em primeiro lugar, as formas provenientes do sufixo *-bilis* latino, na idade media deriva em *-vil*, das quais se registam onze vozes tanto de formação latina como romance (*amigavil, avorrecivil, convenivil, corrivil, duravil, emperduravil, estavil, movil, perduravil, semellavil, usavil*); porém, como já se indicou constitui um outro sufixo diferenciado (Glare, 1986) e ademais cumpriria pô-lo em relação com a variante *-vel*. E finalmente, também documentamos outras formas como *aquil* ou *mil*, que procedem do latim, mais non do sufixo *-ilis*, e como *habil* ou *perfil*, que aparecem em documentos em espanhol.

i. De formação latina de *-ilis* (átono)

- *Difícil*, com a variante *difficil* apresenta oito ocorrências. Procede etimologicamente do latim *difficilis*, com prefixo negativo *dis-* (com posterior dissimilação de *-s-* em *-f-*) + *facilis* (e posterior apofonia em *ficilis*), cuja origem etimológica veremos embaixo no verbete correspondente *facil*. Nesta ocasião, portanto, não constitui diretamente um exemplo de palavra sufixada mediante o sufixo *-il* (< *-ilis*) mas uma voz prefixada com uma base verbal sufixada em *-ilis*, pelo qual é uma formação secundária. O significado que se regista em todos os casos é o originário latino, pois *difficilis* designava algo ‘complicado, difícil de fazer, de levar a cabo, problemático; que apresenta obstáculos ou impedimentos’ (Glare, 1986, s. v. *difficilis*).
- *Docil*, que somente se documenta uma vez num texto de 1504 em Portugal: “Deve de ser docil ou diçiplinavel pera aprēder” (Varela, 2004, s. v. *docil*); portanto, adianta-se nuns anos a cronologia mais antiga proposta por Houaiss (2012, s. v. *docil*). O adjetivo *dócil* procede do latim *docilis*, que continha várias acepções: ‘listo ou apto para aprender; receptivo, tratável; hábil, apto; que pode ser ensinado’ (Glare, 1986, s. v. *docilis*), de jeito que se pode observar o valor deverbal de possibilidade passiva. Na passagem ao galego-português emprega-se por vez primeira com a primeira e quarta acepção com o sentido de ‘que aprende com facilidade’ ou, por ir coordenado com o adjetivo “disciplinável”, ‘que se submete a alguém ou a algo, sem oferecer resistência’. Esta combinação com um adjetivo culto e a datação quinhentista do termo mostra o carácter culto do vocábulo.
- *Facil*, que unicamente se regista duas vezes: a primeira, num documento escrito em Portugal em 1504 —que também adianta a primeira data de aparição em Houaiss (2012, s. v. *facil*)—; a segunda, num documento escrito em Galiza em 1544. Este adjetivo provém do latim *facilis*, derivado de *facio* + *-ilis*, e significava ‘que se pode fazer, que non requer grande esforço; singelo, fácil de manejar; que non envolve dificuldade; fácil de trabalhar, que non oferece resistência, fácil de digerir, fácil de transportar; fácil de levar, tolerável; indulgente...’ (Glare, 1986, s. v. *facilis*). Possui, portanto, valor de possibilidade ativa.
- *Mugil* unicamente ocorre duas vezes em todo o corpus num testamento escrito na Galiza em 1506. Este substantivo, que designa o peixe marinho de cor gris denominado *mugem*(pt)~*muxe*(glg), procede do latim *mugilis* ou *mugil* com essa mesma noção no *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1986, s. v. *mugil or mugilis*). Neste mesmo dicionário, *mugilis* emparenta-se com o verbo *emungo-is-ere* ‘limpar os mocos’ e com *mucus* ‘moco’, de aí que haja uma relação de semelhança com a cor da mucosa e do peixe.
- *Simil*, com a variante *semil*, regista-se em cinco documentos galegos entre 1298 e 1365, e é um adjetivo procedente do latim *similis*, que apresenta os significados de ‘que se semelha, semelhante, similar’ (Glare, 1986, s. v. *similis*), a partir do protoindo-europeu **smh₂-el-i-*, cuja base **sem-* remete ao sentido de ‘um, mesmo’ (Vaas, 2008, pp. 564-565); é por isso que *similis* está relacionado semanticamente e por cognação com os adjetivos gregos em *-lós* (ἴσος ‘igual’), como indicamos no ponto 4.1.i.

ii. De formação latina de *-ilis* (tónico)

- *Augamunil*. Esta voz recolhe-se uma vez no corpus do CGPA num documento de 1421-1423 (“E o arçediago delhe o picho cõ vynho e o augamunil e as toalhas” [Varela, 2004, s. v. *augamunil*]), ainda que se documenta uma forma antiga de 1350 em *vomil* (Houaiss, 2012, s. v. *gomil*), enquanto as formas *agomil*, *gomil* e *aguamanil*, presentes nos dicionários portugueses e galegos atuais, são modernas. O étimo que se baralha para *augamunil* e o resto de formas é o latim “**aquiminile*, do lat. *aquimināle*, is, que alternava com *aquimanīle* e *aquaemanāle*” (Houaiss, 2012, s. v. *gomil*) co significado de ‘jarro para jogar água nas mãos’. Efetivamente, no *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1986, s. v. *aquiminale*, *aquiminarium*) indica-se que *aquiminale* é uma alteração de *aquae manale*, que convivia com o clássico *aquinarium* (< *aqua* + *manus* + *-arium*), com esse mesmo significado. Como se pode observar, no latim vulgar houve uma troca do sufixo *-ale* por *-ile*, sobre a base substantival *manus* ‘mão’, configurando um termo que denota um instrumento.
- *Carril*, com uma variante *caril* que representa alograficamente a vibrante múltipla, documenta-se já desde 1228 e no corpus aparece até em 26 ocasiões. Este substantivo masculino refere-se a “abertura ou portela feita no valado dunha leira para deixar pasar ós carros; carreira, camiño de carros para o servicios das leiras e agras” (ILG-SLI, 2006b, s. v. *carril*) e deriva de uma suposta forma latino-vulgar **carrile*, adjetivo neutro de **carrilis* ‘relativo ao carro’, frente ao latim tardio *currilis* ‘relativo ao carro’, derivados de *carrus*, o qual seria o que motivou a forma **carrilis* (Corominas & Pascual, 1984, s. v. *carro*).
- *Civil*, com as variantes *ceuil*, *cevil*, *çeuil*, *çevil*, *cebil*, *çebil*, *çiuil*, *çivil* e *çibil*, regista-se até 65 vezes desde o século XIV ligado ao direito civil frente ao canônico (“et rrenunciamos a toda excepçon et allegaçõn ley et deryto canonico ou ceuil que por uos podeseamos alegar” [Varela, 2004, s. v. *ceuil*]) ou bem a justiça ou jurisdição civil frente a criminal (“libres et quitos et desenbargados de toda servidume et tributos et foro, sen enpedimento et sen enbargo et sen contradichõn alguna, os ditos lugares et flegresias et jurisdiçõn et justiça, çevil et creminal, et mero mixto inperio” [Varela, 2004, s. v. *çevil*]). Neste último caso, convém lembrar que em Galiza:

no es hasta el siglo XIV cuando se documenta la cesión del derecho a impartir justicia. [...] No es hasta la segunda mitad del siglo XIV cuando comienzan a aparecer en la documentación gallega las primeras menciones que explicitan el tipo de potestad jurisdiccional de los señores, y a figurar los conceptos de jurisdicción civil y criminal y el mero y misto imperio. (Pousa Diéguez, 2018, p. 184)

Civil é uma voz derivada do latim *civilis* no sentido de ‘civil, pertencente ao cidadão, de cidade’, pelo qual apresenta um valor relacional.

- *Covil*, que unicamente se documenta numa *Cantiga de Santa Maria* de Afonso X (1264-1284), que é o introdutor do vocábulo tanto em galego-português como em castelhano, ainda que já aparece a voz “cubile” num documento baixo-latino de 1095 em Coimbra (Carracedo Fraga, 2021, s. v. *cubile*): “mai -lo demo mui sutil || el e os seus andaron || tant ‘ a redor do covil”. O termo substantivo masculino *covil* procede do substantivo neutro latino *cubīle*, que significava ‘leito, quarto de dormir, ninho, esconderijo, toca dos animais’ (Houaiss, 2012, s. v. *covil*). Na cantiga citada apresenta o valor de ‘cova (de animais)’, e mais concretamente o de ‘cova onde vive um ermitão’.
- *Fogil* aparece duas vezes em documentos galegos ourensãs (Galiza) de meados do s. XV: “et fogil et ysca et candeia de çera et hun pente e mechas de xofre e hun cordón de sedas et hun pente” e “e hun fogil com sua pederneyra e dous dados e os esqueyro e a cynta” (Varela, 2004, s. v. *fogil*). Para a etimologia do termo é preciso recorrer a uma forma latino-vulgar **focile*, derivada do substantivo masculino *focus* ‘fogo’ com sufixo *-īle*. Houaiss (2012, s. v. *fuzil*) indica que provavelmente se trate de uma abreviação de *focilis petra* no sentido de ‘pedra de fogo’, de aí que nos exemplos assinalados faça referência a uma ‘peça de metal que bate contra a pederneira (sílex capaz de produzir centelhas)’. Também se registra a variante *fozil* num texto entre finais do s. XIV e inícios do s. XV em Portugal (“quando o monteyro quer leixar a treela da mão, a treela dá volta em cima do fozil ou em si mesma” [Varela, 2004, s. v. *fuzil*]) com a mesma acepção. Esta variante alotrópica *fozil* ou *fuzil* com *-z-* justifica-se pela origem latina, que posteriormente, por influência do francês *fusil*, adquirirá o sentido de ‘arma de fogo’ a partir do s. XIX.
- *Gentil* é um adjetivo relacional procedente do latim *gentilis* com o sentido de ‘da mesma *gens*, família, raça ou povo; nativo’ e no período da decadência ‘estrangeiro/a’ (Glare, 1968, s. v. *gentilis*). No corpus do galego-português medieval apresenta quarenta e uma ocorrências, já presentes desde a lírica profana, com os significados de ‘fermoso/a, agradável’, ‘pagão/ã’, ‘de boa linhagem’.
- *Hastil*, que regista unicamente três ocorrências (*astil*), todas elas na tradução galega da *Crónica Geral e da Crónica de Castilha* de Afonso X de 1295-1312 (Varela, 2004, s. v. *astil*). Este substantivo procede do substantivo neutro latino *hastile* (Glare, 1986, s. v. *hastile*: ‘haste ou mango de uma lança’; poeticamente ‘uma lança’; ‘haste semelhante a uma lança’), a partir do também substantivo *hasta* ‘lança’. No corpus não apresenta o significado de ‘haste ou mango’, mas o de arma a través de um processo metonímico, isto é,

'lança'. A explicação da exígua ocorrência de *hastil* seguramente seja devida a que *hasta* ou *haste* triunfaram sobre a voz sufixada que se perceberia de um teor mais culto.

- *Peitoril*, com as variantes *peitorill*, *peituril*, *peytoril* e *peytorijns*, regista-se unicamente em seis ocasiões fazendo referência a um 'muro à altura do peito que se coloca como protecção em janelas, ameias, pontes etc.; parapeito, antepeito'. Os dicionários etimológicos (Houaiss, 2012, s. v. *peitoril*) concordam em propor para este substantivo uma base hipotética **pectorilis*, formada de *pectus* mais o sufixo *-ilis*.
- *Servil* documenta-se por vez primeira em 1437-1438 no *Leal Conselheiro*, numa única ocorrência cujo adjetivo faz referência a uma qualidade negativa associada à torpece, vileza ou desonestidade: "E chámasse cousa torpe o que se faz contra conciencia, boa honestidade, dereito e razom, nem convem antre elles temor de pena que chamam servi[l]" (Varela Barreiro, 2004, s. v. *servil*). De resto, aparece seis vezes num documento de 1506 em Portugal e uma vez num documento de 1544 na Galiza, tanto com esta noção como com a de relacionado com os servos de Deus. A nível etimológico, este adjetivo provem do adjetivo relacional latino *servilis*, derivada de *servus* com o sufixo *-ilis*, que significava inicialmente 'relativo ou pertencente ao servo ou escravo' e também possuía um sentido caracterizador de 'escravo, servil, mau, inobre' (Glare, 1968, s. v. *servilis*).

iii. De formação romance em *-il* tónico

- *Afonsil*, com a variante *alfonsil*, regista-se cinco vezes no CGPA (Varela Barreiro, 2004, s. v. *afonsil* e *alfonsil*). Este adjetivo deriva do nome próprio Afonso (concretamente, o rei Afonso X o Sábio) mais o sufixo tónico *-il* (< *-ilis*), o qual achega o valor relacional de 'relativo ou pertencente' à base.
- *Bornil*. Este adjetivo documenta-se uma única vez na cantiga de Afonso X "Mester avia Don Gil / uu falconci[nh]o bornil" (Varela Barreiro, s. v. *bornil*). Como se observa, *bornil* aparece ligado a *falcão*, já que faz referência a uma 'ave (*Falco biarmicus*) da fam. dos falconídeos' (Houaiss, 2012, s. v. *borni*)³. Precisamente, neste dicionário aparece lematizada sob o verbete substantivo masculino singular "borni", do árabe *burnī* do qual derivaria, encanto no *Diccionario de la Lengua Española* (RAE-ASALE, 2021, s. v. *borni*) se indica que procede do árabe hispânico "*burní*, quizá gentilicio de Hibernia, antiguo nombre de Irlanda". Além disso, no *Diccionario de Autoridades* indica-se que, segundo Covarrubias, tomou o nome de uma província de Guinéa chamada Borní —acepção que segue o *Diccionario da Real Academia Galega* (1913-1928) (ILG-SLI, 2006a, s. v. *borni*)—, mas também se refere que semelhantes a estes falcões são "los que llamamos em España borníes, los cuales son de su mismo tamaño, y se crian en las montañas de León, y en otras provincias" (RAE, 1726, s. v. *borni*). Seja como for, a explicação mais evidente leva a considerar que se trata de um derivado adjetival romance galego-português de *borni* + *-il*, se bem que *bornil* se pode considerar uma variante de *borni*, e por tanto ser um substantivo como se pode encontrar-se na especificação de variantes de animais cal *peixe sapo* (Freixeiro Mato, 1999, p. 287).
- *Cantil*, que só apresenta uma ocorrência num texto de 1481 em Lugo (Galiza): "Conbem a saber que vos aforamos o vaçello da Borree, que jaz para a parte das casas de Riba de Sill Item mays a meeatade da vina da Borree, que jaz da outra parte da rigeyra sobre o cantil" (Varela, 2004, s. v. *cantil*). Esta é a documentação mais antiga no âmbito galego-português —segundo Houaiss (2012, s. v. *alcantil*, *cantil*), *cantil* em *alcantil* em 1556 e *cantil* em 1565— e também é anterior ao primeiro testemunho do espanhol datado no século XIX (no XVI o derivado *acantilado*) (Corominas & Pascual, 1984, s. v. *cantil*). Como se pode notar, este substantivo masculino derivado em *-il* alude a um 'terreiro abrupto em forte pendente' ou literalmente 'lugar em forma de degrau' e tem como base o substantivo *canto* 'ângulo saliente; pedra de grande tamanho', do latim *canthus* 'arco de ferro em volta de uma roda', provavelmente de origem celta (Corominas & Pascual, 1984, s. v. *cantil*; Glare, 1968, s. v. *cant(h)us*), pelo qual originariamente designa uma qualidade e posteriormente perde este valor até nominalizar-se.
- *Quadril* só apresenta quatro ocorrências no corpus: uma na lírica profana galego-portuguesa, numa cantiga de Afonso X (1240-1300), e três em documentos escritos em Portugal entre 1391 e 1500. Nos casos registados faz referência à 'parte lateral do corpo humano ou animal entre a cintura e a articulação da coxa; anca'. Tal e como recolhe Houaiss (2012, s. v. *quadril*), a origem etimológica do termo é controversa, pois Nascentes parte de uma forma **cadril*, por síncope de **cadeiril*, derivado de *cadeira*, por analogia com as formas com *qua-/ca-*. Esta é a mesma hipótese defendida por Corominas & Pascual (1984, s. v. *cuadril*), que propõe um derivado de *cadere*, talvez por transcategorização de *hueso caderil*.

Ainda que a semântica acompanha esta interpretação, a evolução não a faz possível, pois *cadeira* não procede dum étimo com QUA- para apresentar a alternância medieval *qua-/ca-*, mas de CATHEDRAM. Por sua parte, indica que Machado aventa que derivaria de quadro 'quadrado', pela sua semelhança de forma dessa região óssea, hipótese com a qual concordamos. Aliás, talvez se trate de uma mudança afixal do sufixo *-ellus* para *-illus* e *-ilis*, pois Du Cange documenta uma forma em latim medio e baixo *quadrillus* (1883-1887, s. v. *quadrillus*¹, *quadrillus*¹,

³ Não se deve confundir com dialetalismo alentejano "bornil" (de origem escura), que alude a uma 'espécie de almofada, em que assenta a canga que jogue os bois'. Esta forma é compartilhada com a província espanhola de Badajoz, com o significado de 'collera' (Gargallo Gil & González Salgado, 2021, p. 85) ou 'parte del yugo' (Malkiel, 1953, p. 49).

*quadrillus*2), em que se faz referência a algo quadrado, para além de uma possível forma *quadrilis* ‘quarta parte de algo’ na linha de *quartilis* e *sextilis*.

iv. Doutras línguas

Noutros casos, estamos simplesmente ante terminações em *-il* que procedem doutras línguas, cal o árabe ou o provençal.

No caso dos arabismos em *-il*, a proveniência está nas terminações *-īl* e *-īr*:

- *Adail*, com a variante *adalil*. Este substantivo, que apresenta 10 ocorrências, provém do árabe *ad-dalīl* ‘guia, condutor, chefe’ (Houaiss, 2012, s. v. *adail*), do árabe clássico *dalīl*.
- *-Alguazil*, com as variantes *alguasil*, *algazil*, *algasil*, *algacil*, *algoazil*, *algozil*, *alguzil*, que ocorrem 117 vezes no corpus. O Houaiss (2012, s. v. *aguazil*) propõe como etimologia para este substantivo o árabe “*al-uazīr* no sentido de ‘o que leva uma carga ou ajuda outrem a levá-la; o que ajuda e aconselha um príncipe; conselheiro, ministro’”, encanto o *Diccionario de la lengua española* (RAE-ASALE, 2021, s. v. *alguacil*, *la*) sugere o étimo hispano-árabe *alwazīr*, do árabe clássico *wazīr*.
- *Anafil*, com a variante *anafil*. Trata-se de uma ‘especie de trompeta de orixe moura empregada polo pregoeiro para chamar a concello e facer o pregón’ procedente do árabe *an-nafīr* (ILG-SLI, 2006b, s. v. *anafil*), pelo qual é frequente nos textos notariais, em que aparece 92 vezes.
- *Cafil*, forma gráfica de *çafil*, *safir* ou *safiro*. Só tem uma ocorrência na *Crónica Troiana* (1373) em que se enumeram vários tipos de gemas: “carbúcolo, sardis, cafil, amatista, berilo, topás, grisólitos, esmeralda, brasmo, rrobj, calçedonja, cristal” (Varela, 2004, s. v. *cafil*). Houaiss (2012, s. v. *cafil*) propõe como possível etimologia o árabe *şafir*, empréstimo do grego *şappheiros*, e daí ao latim *sapphirus*. Portanto, a terminação *-il* deste vocábulo é produto de uma troca de líquidas.
- *Maravidil*, com as variantes *marabidil*, *marauedil*, *maravidil*, *maravydil*, *morabidil*, *morauedil*, *moravidil*, *moravedil* e *morabidil* apresenta sessenta e duas ocorrências.

Quanto aos galicismos, encontramos os seguintes:

- *Ardil*. Este vocábulo ocorre duas vezes: a primeira, na tradução portuguesa da *Crónica Geral de Espanha de 1344* de Afonso X, e o segundo na *Crónica de D. João* de Fernão Lopes. Segundo Corominas & Pascual (1984, s. v. *ardido*), a forma *ardil* é uma dissimilação de *ardid*, que procederia do catalão *ardit*. Porém, seguramente venha diretamente do provençal (Selig, 2012, s. v. *ardit*), pois Afonso X é um dos autores que mais provençalismos inclui na sua produção escrita e precisamente é ele quem a introduz por vez primeira no galego-português. Em provençal pode funcionar como adjetivo, mas também como substantivo masculino com a acepção de ‘audácia, coragem; empresa’, classe de palavras que é a que aparece exclusivamente no nosso corpus com o significado de ‘estratagema’ (“por veerem ardil dos mouros”, Varela, 2004, s. v. *ardil*).
- *Barnil*, que só se testemunha num documento de 1489: “Se he presumtuoso. Se he ypocrita. Se por seer muito barnil. Se despreçou os pobres” (Varela, 2004, s. v. *barnil*). Como se aprecia, é um adjetivo com valor qualificativo ao fazer referencia à qualidade de uma pessoa. Deste modo, a origem parece estar no provençal *barnil*, variante de *baronil* ‘viril, corajoso’ (Selig, 2012, s. v. *barnil*, *baronil*), que se adequa perfeitamente ao sentido do texto. Em espanhol também existe o substantivo *barnil*, de **barnile* suposta dissimilação de *barril* (Corominas & Pascual, 1984, s. v. *barnil*), ainda que em Llorente (1990, p. 86) se recolhe este vocábulo na vila de Zamora (Espanha) com o valor de ‘terreio pantanoso’.
- *Barril*, com a variante *baril*, aparece 45 vezes. Segundo Corominas & Pascual (XX, s. v. *barril*), este substantivo masculino, que designa um ‘tonel’, derivaria de uma forma **barriculum*, diminutivo do celta **barrica*, com sufixo *-ica* moi frequente em celta, a través do gascão occitano (em que o *-c-* não sonoriza) e logo ao francês *barrile* e *barrique*, respetivamente.
- *Beril*, documentado uma vez nos *Miragres de Santiago* (1390-1420): “cõ moy fremosa arrays dourada et cõ moy boa maçãa dourada de beril no magarõ” (Varela, 2004, s. v. *beril*). Esta voz, que faz referência ao *berilo*, uma gema que tem cor verde-mar ou esmeralda, tem de provir do fr. antigo *bénil*, do lat. *berýllus*, de onde procede *berilo* (também documentado no corpus do CGPA), e este do gr. *bérrulos*.

5. Discussão

Como já foi comentado no início deste artigo, a sufixação é um dos mecanismos mais produtivos para a criação de novos vocábulos, tanto pelo número de formações que proporciona à massa lexical quanto pelo número de sufixos envolvidos. Porém, nem todos os sufixos são muito rendíveis, como é o caso do sufixo galego-português *-il* frente ao latim *-ilis*, em que si era bastante produtivo.

Em latim, o sufixo *-ilis* apresenta duas forma átonas, uma em *-īlis* (que criava adjetivos deverbais de possibilidade passiva, alguns adjetivos desubstantivais e uns poucos substantivos) e outra em *-tīlis* (com *-t-* do participio de passado, que derivava adjetivos deverbais, e que chegou a consolidar uma variante sufixal em *-átīl*); e também uma outra forma tónica em *-īlis*, que que fazia parte da serie em *-ālis*, *-ēlis*, *-īlis* e *-ūlis* criava adjetivos desubstantivais de relação ou pertença e de ‘lugar’ e/ou ‘instrumento’ nas formas neutras.

Se bem que no latim o sufixo *-ilis* (tónico e átono) tinha muita rentabilidade na formação de adjetivos, no primeiro estágio do galego-português comprova-se a través do *Corpus do Galego-Português Antigo* (Varela Barreiro, 2004) que esta descende, tanto na transmissão de palavras formadas no latim como (com quinze ocorrências em total: cinco com sufixo átono e nove com sufixo tónico) na ativação como sufixo romance (com unicamente quatro ocorrências).

Esta baixa produtividade levou consigo a falta de análises específicas sobre este sufixo, pelo qual neste artigo se faz o primeiro estudo extenso sobre o sufixo *-il* galego-português, com base no período antigo. Assim, na *Gramática histórica da língua galega* de Ferreiro (2001, p. 153) só se faz referência ao sufixo *-il* tónico, procedente de *-ilis* tónico, como formador de adjetivos desubstantivais em latim e galego-português e com os valores de 'referência' ou 'semelhança', e como formador de substantivos com sentido 'locativo'. Freixeiro Mato (1999) só considera *-il* como sufixo que cria adjetivos desubstantivais de qualidade e *-átil* como sufixo que cria adjetivos que indicam potencialidade, enquanto Rio-Torto (2013) não o inclui. Em troca, no galego-português antigo baseado no CGPA oferece dados que refletem com maior clareza a continuação dos valores latinos com inovações pontuais, mas também as causas da ínfima produtividade que será a pauta dos períodos sucessivos do galego-português.

Pela sua parte, em espanhol recolhe-se *-atil* como sufixo formadores de um adjetivo deverbal, *-atil* e *-il* tónico e átono como formadores de adjetivos de relação derivados de um substantivo, todos eles com uma produtividade ultra-limitada. Assim, como se indica na gramática da RAE:

Entienden algunos gramáticos que en un reducido número de casos tienen sentido en la morfología sincrónica esquemas como *V'-il* (*portar > portátil; contraer > contráctil; retraer > retráctil; mover > móvil*) y *N'-il* (*tacto > táctil; bolsa > bursátil; agua > acuátil*, los dos últimos con base alternante). En otros muchos casos (*dócil, fértil, lábil, núbil, símil*, etc.), la terminación *'-il* no puede ser considerada sufijo en la gramática del español, ya que no permite segmentar las raíces que corresponderían a tales derivados. (RAE-ASALE, 2010, p. 510)

6. Conclusões

Trás apresentar os resultados que nos oferecem os dados extraídos do corpus do galego-português antigo e realizar a análise do funcionamento do sufixo *-il* no latim e no galego-português centrada no desempenho que este afixo exerce a nível morfológico, nível sintático e nível semântico, podem tirar-se várias conclusões:

1. Não todas as formas do CGPA acabadas em *-il* são sufixos de origem latina em *-ilis*, mas terminações latinas ou procedentes do árabe ou do provençal.
2. No galego-português antigo non se herda nem se cria nenhuma formação em *-átil*.
3. As formações latinas provenientes do sufixo *-ilis* que continuam no galego-português antigo são quatro adjetivos (três deles deverbais, dois de de possibilidade passiva e um de possibilidade ativa) e um substantivo deverbal.
4. Os derivados latinos em *-ilis* que documentamos no CGPA são seis substantivos desubstantivais e três adjetivos desubstantivais com valor relacional, caracterizador e locativo.
5. As vozes sufixadas em *-il* de criação romance são dois adjetivos desubstantivais com sentido relacional e dois substantivos desubstantivais com significado locativo.
6. A produtividade do sufixo *-il* no primeiro estágio do romance galego-português é ínfima e explica-se pelo carácter culto deste sufixo e pela rivalidade entre outros sufixos que têm significação relacional, em concreto os da sua série como *-alis* e *-elis* ou *-elus*, como se viu já nalguns casos anteriormente.

Referencias

- Álvarez, R., & Xove, X. (2002). *Gramática da lingua galega*. Galaxia.
- Barbosa Machado, J. (2015). *Dicionário dos Primeiros Livros Impressos em Língua Portuguesa*. Volume I. A-C. Edições Vercial.
- Carracedo Fraga, X. (2021). *CODOLGA: Corpus Documentale Latinum Gallaeciae*. <http://corpus.cirp.es/codolga/>
- Corominas, J., & Pascual, J. A. (1984). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Gredos.
- Du Cange *et al.* (1883-1887). *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. Niort. <http://ducange.enc.sorbonne.fr>
- Ferreiro, M. (2001). *Gramática histórica da lingua galega. II. Lexicoloxía*. Laivento.
- Freixeiro Mato, X. R. (1999). *Gramática da lingua galega. III. Semántica*. A Nosa Terra.
- Gargallo Gil, J. E., & González Salgado, J. A. (2021). Palabras que trascienden fronteras en dos áreas iberorromances: la raya hispano-lusa y la del catalán peninsular. *LaborHistórico*, 7(1), 70-117. <https://doi.org/10.24206/lh.v7i1.39509>
- Glare, P. G. W (1968). *Oxford Latin Dictionary*. Clarendon Press.
- Houaiss, A. (2012). *Grande Dicionário Houaiss*. https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php
- ILG-SLI (2006a). *Dicionario de dicionarios*. <https://ilg.usc.gal/ddd/>
- ILG-SLI (2006b). *Dicionario de dicionarios do galego medieval*. <http://ilg.usc.gal/ddgm/index.php>
- Lang, M. (2002). *Formación de palabras en español. Morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Cátedra.
- Leumann, M. (1917). *Die lateinischen Adjektiva auf -lis*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783111490106>
- Leumann, M. (1944). "Gruppierung und Funktionen der Wortbildungssuffixe des Lateins". *Museum Helveticum* 1, 129-151.
- Llorente Maldonado de Guevara, A. (1990). Las denominaciones correspondientes a las lexías de la lengua estándar arroyo, torrentera, manantial y terreno pantanoso en Zamora, Salamanca y Ávila (II). *Revista de Filología Española*, LXX, 1/2, 71-89.
- López Viñas, X. (2015). *Dicionario de afixos e voces afixadas do galego medieval*. Monografía 8 da *Revista Galega de Filoloxía*. Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña.
- Malkiel, Y. (1953). "Apretar", "pr(i)eto", "perto": historia de un cruce hispanolatino. *Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, IX, 1-2-3, 1-135.
- Monteil, P. (2017). *Elementos de fonética y morfología del latín*. Editorial Universidad de Sevilla.
- Pousa Diéguez, R. (2018). Del señorío medieval a la jurisdicción señorial en Galicia: transformaciones y cambios entre los siglos XIV y XVI. *Medievalismo*, 28, 175-202.
- RAE (1726). *Diccionario de Autoridades*. Real Academia Española. <https://apps2.rae.es/DA.html>
- RAE-ASALE (2010). *Nueva gramática de la lengua española*. Espasa.
- RAE-ASALE (2021-). *Diccionario de la lengua española*. <https://dle.rae.es/>
- Rainer, F. (1999). En I. Bosque & V. Demonte (Dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española. 3. Entre la oración y el discurso / Morfología* (pp. 4595-4643). Espasa.
- Ridruejo, E. (1998). Sufijos improductivos. En G. Ruffino (Ed.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Vol. I. Grammatica storica delle lingue romanze* (pp. 307-318). Max Niemeyer Verlag.
- Rio-Torto, G. (1998). *Morfología derivacional. Teoría e aplicación ao portugués*. Porto Editora.
- Rio-Torto, G. (Coord.) (2016). *Gramática derivacional do portugués*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Selig, M. (2012-). *Dictionnaire de l'Occitan Médiévale*. <http://www.dom-en-ligne.de/index.html>
- Segura Munguía, S. (2000). *Lexicogénesis. Derivados compuestos en la creación del vocabulario latino y castellano*. Universidad de Deusto.
- Varela Barreiro, X. (dir.) (2004-). *Corpus informatizado do Galego-Portugués Antigo*. Instituto da Lingua Galega. <http://ilg.usc.gal/cgpa>
- Vaan, M. (2008). *Etymological Dictionary of Latin and the Other Italic Languages*. Brill.